

CURRÍCULO, TÁTICAS, RESISTÊNCIAS: maneiras de fazer de estudantes egressos negros em tempos de regulação autoritária

CURRICULUM, TACTICS, RESISTANCE: black graduates means in times of authoritarian regulation

Patrícia Baroni¹

Deise Guilhermina da Conceição²

Resumo: O presente artigo propõe a pesquisa de *táticas* (CERTEAU, 1994) utilizadas por estudantes egressos negros da periferia do Rio de Janeiro que abarcam a resistência diária às regulações autoritárias decorrentes do racismo estrutural que marca a sociedade brasileira (ALMEIDA, 2019). Tais estudantes elencam suas trajetórias para concluir a educação básica, o acesso ao ensino superior, a mobilidade social oportunizada pela formação, apesar do contexto autoritário a que são submetidos. Neste texto, a reflexão sobre o currículo e as táticas se faz a partir do processo de escolarização de três *praticantespensantes*, que foram aprovados no exame vestibular da Universidade Federal Fluminense (UFF) para o ano de 2004, destacando as maneiras de fazer desses sujeitos que se inscrevem como resistências aos entraves vivenciados. O repertório de narrativas oportunizado nos conduziu à identificação de três categorias de táticas: (1) a escolha acadêmica e profissional como tática de empregabilidade, (2) o acesso a ferramentas e a tessitura de redes de apoio como tática de superação das desvantagens sociais e econômicas produzidas pelo racismo estrutural e (3) a desnaturalização de práticas racistas e a identificação do racismo e do preconceito como tática de referencialidade para as lutas atuais contra processos regulatórios. Adotamos como caminho metodológico a pesquisa narrativa. Como conclusões, destacamos que o compartilhamento de narrativas de enfrentamento do racismo são potentes instrumentos para as reflexões acerca das manifestações singulares do racismo na vida dos interlocutores, inclusive, das nossas próprias vidas enquanto autoras deste artigo. Essas reflexões amplificam modos de resistência para a luta antirracista.

Palavras-chave: Narrativas. Racismo. Táticas.

Abstract: This article proposes the research of tactics (CERTEAU, 1994) used by black former students from the outskirts of Rio de Janeiro that encompass daily resistance to authoritarian regulations resulting from structural racism that marks Brazilian society (ALMEIDA, 2019). Such students list their trajectories to complete basic education, to access higher education and the social mobility provided by their training, despite the authoritarian context in which they are submitted. In this text, the reflection on the curriculum and tactics is based on the schooling process of three *praticantespensantes*, who passed the entrance exam of the Universidade Federal Fluminense (UFF) for the year 2004, highlighting the means of these subjects whom inscribe as resistance to the hurdles experienced. The narratives repertoire provided led to the identification of three categories of tactics: (1) academic and professional choice as an employability tactic, (2) access to tools and the weaving of support networks as a tactic to overcome social and economic disadvantages produced by structural racism and (3) the denaturalization of racist practices and the identification of racism and prejudice as a referential tactic for the current struggles against regulatory processes. We adopt narrative research as a methodological path. As conclusions, we highlight that the sharing of narratives to confront racism are powerful instruments for reflections on the singular manifestations of racism in the lives of the interlocutors, including our own lives as authors of this article. These reflections amplify means of resistance for the anti-racist struggle.

Keywords: Narratives. Tactics. Racism.

Resumen: Este artículo propone la investigación de tácticas (CERTEAU, 1994) utilizadas por estudiantes negros de

¹ Doutora em Educação formada pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo. Professora Adjunta do Departamento de Didática da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: patyybarone@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1570-9816>.

² Doutora e mestre em Educação formada pela Universidade Federal Fluminense, linha de pesquisa "Negro e Educação". Professora da Rede Municipal de Educação de Duque de Caxias e da Rede Municipal de Educação do Rio de Janeiro. E-mail: deisehis@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5739-2442>.

la periferia de Río de Janeiro que abarcan la resistencia diaria a las regulaciones autoritarias producto del racismo estructural que marca la sociedad brasileña (ALMEIDA, 2019). Dichos estudiantes relacionan sus trayectorias para completar la educación básica, el acceso a la educación superior, la movilidad social que brinda la formación, a pesar del contexto autoritario al que están sometidos. En este texto, la reflexión sobre el plan de estudios y las tácticas se basa en el proceso de escolarización de tres profesionales independientes, que aprobaron la prueba de acceso de la Universidade Federal Fluminense (UFF) del año 2004, destacando las formas de realización de estas materias. se registran como resistencias a los obstáculos experimentados. El repertorio de narrativas proporcionado llevó a la identificación de tres categorías de tácticas: (1) elección académica y profesional como táctica de empleabilidad, (2) acceso a herramientas y el tejido de redes de apoyo como táctica para superar desventajas sociales y efectos económicos producidos por el racismo estructural y (3) la desnaturalización de las prácticas racistas y la identificación del racismo y el prejuicio como táctica referencial de las luchas actuales contra los procesos regulatorios. Adoptamos la investigación narrativa como camino metodológico. Como conclusiones, destacamos que el intercambio de narrativas para enfrentar el racismo son poderosos instrumentos de reflexión sobre las singulares manifestaciones del racismo en la vida de los interlocutores, incluida nuestra propia vida como autores de este artículo. Estas reflexiones amplifican los modos de resistencia para la lucha antirracista.

Palabras clave: Narrativas. Racismo. Táctica.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como principal temática a análise das táticas insurgentes experienciadas por jovens negros num processo de resistência e de luta contra o racismo e a discriminação racial presentes na sociedade brasileira.

Salientamos que a análise se constitui como desdobramento da tese de doutorado cujo título é “Trajetória de estudantes negros que ingressaram na Universidade Federal Fluminense em 2004”, defendida por uma das autoras no Programa de Pós Graduação da Universidade Federal Fluminense no ano de 2018. O trabalho tinha por objetivo geral a análise da trajetória de estudantes de diferentes enquadramentos raciais desde a educação básica, passando pela universidade e a entrada no mercado de trabalho, verificando se era possível identificar disparidades entre os grupos raciais. A pesquisa constatou que os egressos negros enfrentaram maiores dificuldades para converter a formação acadêmica em benefícios sociais e econômicos, se comparadas às trajetórias de seus pares com outros enquadramentos raciais. Durante o processo, foi produzido um amplo banco de entrevistas.

Enquanto mulheres pretas, atuantes na luta antirracista, reafirmamos que nossas histórias se entrelaçam com os relatos de nossos interlocutores. Declinamos da posição de meras observadoras para, junto com nossos atores, narrarmos a vida e denunciarmos as amarras do racismo e da discriminação racial. Nossas histórias, conversas e reflexões estão presentes em todas as análises e nos motivaram a tecer essa investigação.

O repertório de dados obtidos nas muitas conversas durante a pesquisa supracitada anunciou peculiaridades das histórias de vida de 36 jovens, egressos da Universidade Federal Fluminense, possibilitando que outros trabalhos fossem desenvolvidos. Não pretendemos aqui confrontar trajetórias. Nos interessa neste artigo desvelar modos de fazer cotidianos de três estudantes egressos negros, escolhidos a partir do banco de dados da pesquisa mencionada, que nomearemos como *praticantespensantes*³ (OLIVEIRA, 2012) por compreendermos que eles formam incontáveis redes educativas em suas relações de convivência. Nessas redes, os *praticantespensantes* são formados e tecem saberes e significações necessárias aos seus cotidianos. Nelas, estabelecem *espaçostempos* curriculares e pedagógicos que são praticados e pensados. *Praticantespensantes* produzem táticas cotidianas que são formativas. Sendo assim, apresentaremos nesse artigo a análise de táticas ora criativas, ora desobedientes, ora insurgentes, mas sempre formativas, adotadas pelos estudantes egressos a partir das muitas desvantagens impostas pelo racismo estrutural que marca a sociedade brasileira.

Nesse sentido, mergulharemos nas narrativas desses três egressos negros refletindo acerca da

³ Optamos pela escrita de algumas palavras juntas por entendermos, a partir das provocações de Alves (2008), que a separação de certas palavras pode produzir uma dicotomização em seus significados ou ainda uma hierarquia entre elas.

potência dos usos (CERTEAU, 1994) nas trajetórias de vida compreendidas aqui enquanto saberes da experiência, como práticas curriculares insurgentes. Sobre isso, Larrosa (2014) explica que

[...] o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual é sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. (p.32)

Demarcamos nesse momento nossa opção político-metodológica na apresentação e no diálogo com essas narrativas que não se pretendem generalizáveis, nem mesmo reconhecidas enquanto um lugar a se chegar, que partem de um suposto “empreendedorismo” individual e meritocrático. Nas histórias de vida analisadas, encontramos sujeitos *ordinários* em suas *práticas ordinárias* (CERTEAU, 1994, p.61), que ocupam lugares sociais diferentes dos que o pensamento hegemônico e excludente da sociedade definiu para eles. Sobre isso, D’Adesky (2001, p. 175) denuncia que *é suficiente que os negros fiquem em seu lugar, executem o trabalho mal remunerado, para que não incomodem em sua miséria e para que sua alienação seja aceita, ou até mesmo desejada*. Subvertendo essa lógica social, os *praticantespensantes* dessa pesquisa enfrentam o racismo estrutural e cotidiano todos os dias e dos mais diversos modos produzindo maneiras de fazer singulares a cada enfrentamento.

O racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” como que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção.” (ALMEIDA, 2019, p. 175)

Como descrito pelo autor, racismo e discriminação racial estão presentes em todos os setores da sociedade, demandando daqueles cujo fenótipo aproxima-se do africano, maior esforço e disposição para ascender e conquistar vantagens sociais e econômicas. O racismo mostrou-se preponderante na vida dos *praticantespensantes* de nossa pesquisa desde a infância, passando pela adolescência e constituiu-se enquanto um grande desafio na vida adulta. Sendo assim, ressaltamos o caráter criativo, insurgente e transformador das ações desses sujeitos frente às desvantagens que se apresentaram, ações que se constituíram parte da luta antirracista.

Podemos afirmar que o racismo estrutural é estratégico e que os *praticantespensantes*, a partir das *estratégias*, tecem *táticas* cotidianas. Certeau (1994) utiliza os conceitos de *estratégia* e de *tática* no que tange ao consumo dos bens culturais e dos muitos e possíveis usos feitos deles, na maioria das vezes imprevistos. A *estratégia* se materializa no lugar próprio expressando ou ratificando a lógica dominante. Constitui-se, portanto, como uma autoridade que sistematiza, que possui uma estrutura pré-determinada. Nas palavras de Certeau (1994),

chamo de *estratégia* o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. A *estratégia* postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio e ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças (os clientes ou os concorrentes, os inimigos, o campo em torno da cidade, os objetivos e objetos da pesquisa etc.). (p. 99)

A *tática*, por sua vez, atua dentro do campo do inimigo (já que não possui um lugar próprio), se modelando de maneira ágil e flexível para responder às necessidades dinâmicas. Atua na instância do fragmentário, do contingente e baseia-se no imprevisto. Uma *tática* transita nas brechas, nas rachaduras do sistema. Certeau (1994) nos explica:

chamo de *tática* a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A *tática* não tem lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza uma lei de uma força estranha. Não tem meio para si manter em si mesma, à distância, numa posição recuada, de previsão e de convocação própria: a *tática* é

movimento “dentro do campo de visão do inimigo”, como dizia Von Büllow, e no espaço por ele controlado. (p. 100)

A despeito das estratégias do racismo que constatamos ao longo da pesquisa, saltou aos olhos as diversas táticas utilizadas pelos *praticantespensantes* para superar as dificuldades impostas, conquistar o nível superior e uma colocação no mercado de trabalho congruente a sua formação. Tais experiências apesar de singulares e emancipatórias constituem-se enquanto marcos da lógica de desigualdade a qual são submetidas as populações negras no Brasil.

Muitas práticas cotidianas comuns são táticas. Táticas são modos de fazer que *se exercem sobre um terreno móvel, em uma situação incerta e ambígua* (DETIENNE & VERNANT, 2008, p.21) em que forças antagônicas se enfrentam e que levam à vitória do “fraco” sobre o mais “forte” (CERTEAU, 1994, p.47). Constam de microssucessos, astúcias, achados que produzem euforia. As táticas desmontam a lógica de organização, de ordem e reescrevem os lugares tornando-os *espaçostempos* praticados. Deste modo, o ordenamento e as normas criadas nos lugares e impostos hierarquicamente aos *praticantespensantes* são desobedecidos, subvertidos, reconstruídos pelos desvios produzidos pelas táticas.

Concordamos com Gomes (2001) quando o autor chama atenção para a necessidade do incremento de ações afirmativas no Brasil, tendo em vista promover igualdade de condições entre os sujeitos e eliminar a exigência de maior esforço da população negra para ascender social e economicamente. Ao reconhecermos as táticas utilizadas por esses *praticantespensantes*, denunciemos a desigualdade racial e que, apesar dos sujeitos ouvidos nesta pesquisa terem superado alguns dos obstáculos ao longo da vida, a maior parte da população negra foi alijada por esses mecanismos e permaneceu numa posição de subalternidade ao longo da História do Brasil.

Passados mais de 500 anos desde a chegada dos primeiros africanos no país, a sociedade brasileira ainda se percebe diante do desafio de reparar o legado de desigualdade herdado pelos afrodescendentes. Como proposto por Hasenbalg (1976), mais que uma herança da escravidão moderna, o Brasil vivenciou o processo de construção do lugar social da população negra a partir de ideias equivocadas acerca de uma pretensa hierarquia entre raças humanas e a política do branqueamento que ainda hoje povoa o imaginário social brasileiro, conforme Santos (1983). Autores como Skidmore (1976), Santos (1983) e Oliveira (2015) discutem o racismo na sociedade brasileira e a ideia de que quanto mais próximo ao fenótipo caucasiano, melhores serão as possibilidades de ascensão social e econômica dos sujeitos. Portanto, racismo, discriminação racial e ideal de branqueamento marcaram a História do Brasil, permeiam o imaginário da sociedade e reverberam diretamente nas estratégias de integração e ascensão social da população negra.

Apresentada a discussão a ser arrolada neste artigo, nos dedicaremos agora a apresentar *mil maneiras de caça não-autorizadas* (CERTEAU, 1994) para pesquisar as táticas dos *praticantespensantes*. Nesse sentido, elencaremos a potência da pesquisa narrativa e da conversa enquanto fontes singulares de nossa pesquisa destacando o conceito de *escrevivência* (EVARISTO, 2007). Desta maneira, abarcando como metodologia uma trajetória comumente desqualificada pelos burocratas da objetividade acadêmica, utilizaremos a narrativa e a conversa enquanto táticas de resistência.

Em seguida, destacaremos as especificidades do tempo presente. Trataremos do racismo e da discriminação racial enquanto estratégias de regulação autoritária na sociedade brasileira. Teceremos nossas conversas a partir da ideia de que o racismo se atualiza a partir das demandas do pensamento hegemônico e hierarquizante. Assim sendo, buscaremos entender a especificidade do tempo presente, a atualidade das manifestações racistas e das táticas da luta antirracista.

Apresentaremos então as nossas conversas com os *praticantespensantes* dessa pesquisa e elencaremos as categorias identificadas nas narrativas que ressaltam as táticas cotidianas contra o racismo estratégico. Nessas conversas também traremos a produção de autores que nos ajudarão a apreender de forma mais potente o quanto as astúcias tecidas se constituem como ferramentas de lutas.

Esclarecemos que no que se refere à identidade racial das pessoas, empregaremos a classificação

utilizada o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. O IBGE⁴ pesquisa a cor ou raça da população brasileira com base na autodeclaração. Ou seja, os sujeitos são questionados sobre sua cor de acordo com as seguintes opções: branca, preta, parda, indígena ou amarela. Ainda baseados no Instituto, quando o texto utilizar o termo negro, estará se referindo a soma de pretos e pardos

Finalmente, traremos nossas conclusões pretendendo que os diálogos aqui tecidos possam contribuir para divulgação das pequenas e cotidianas táticas de *praticantespensantes* negrxs enquanto potencialidades da luta antirracista.

2 ESCRIVIVÊNCIAS: a narrativa enquanto tática de resistência

A nossa escrituragem não pode ser lida como histórias para ‘ninar os da casa grande’ e sim para incomodá-los em seus sonos injustos. (EVARISTO, 2007, p. 21)

Na elaboração deste artigo optamos pela pesquisa narrativa. Compreendemos que as narrativas são a vida contada com toda a sua intensidade. São verdades para uns, reflexões e problematizações para outros; porém, nos importa conhecê-las e com essas narrativas poder conversar de maneira a desinvisibilizar as histórias vividas pelos *praticantespensantes*. Compreendemos que compartilhar essas experiências pode fazer transbordar incontáveis saberes presentes nos cotidianos. Trata-se de conhecimentos que por vezes não são reconhecidos como tais, nem percebidos ou validados. Ao conversarmos com os *praticantespensantes* e acessarmos esses saberes, buscamos *pistas, resíduos, indícios, marcas, sinais* (GINZBURG, 1989) com sentidos sociais, culturais e/ou históricos particulares, não generalizáveis. São saberes que falam sobre o não dito, sobre os processos ocultos, e que permitem compreender a complexidade da vida cotidiana.

No âmbito desse debate acerca da singularidade da narrativa, apostamos na ideia de escrituragem, cunhada por Conceição Evaristo, como metodologia de pesquisa narrativa, de produção de saberes e de contextualidade implicada. Ainda que dialogando acerca da produção literária, de acordo com Evaristo (2009), xs personagens negrxs presentes na literatura hegemônica são de maneira recorrente representadxs de modo estereotipado e diferente nos valores e traços constantes dxs demais personagens das mesmas narrativas. Trata-se de incontáveis produções literárias nas quais os homens negros são descritos como medrosos, submissos, desprovidos de recursos intelectuais ou mesmo sem voz própria e as mulheres negras apresentadas como interesseiras, malvadas, de sexualidade perigosa, entre outros atributos de valoração negativa.

Em oposição a essa maneira hegemônica popularizada pela literatura de conceber a população negra, a escrituragem, entre diversos recursos metodológicos de escrita, utiliza-se da experiência de *praticantespensantes* negrxs. A escrituragem marcadamente carrega uma dimensão ética ao propiciar que x *praticantepensante* assuma o lugar de enunciação de um eu coletivo, de alguém que evoca, por meio de suas próprias narrativa e voz, a história de um “nós” compartilhado.

Nesse sentido, afirmamos a narrativa como experiência formativa. Na pesquisa narrativa nos (auto)formamos, desnaturalizando as ações cotidianas e criando outros sentidos para elas. Esse processo se dá pela tessitura de uma rede com os muitos fios entrelaçados da vida cotidiana sem que seja possível separá-los, como nos explica Alves (2008). Essa compreensão de formação em rede nos ajuda a pensar que todos os aspectos da vida são relevantes, que nenhuma discussão pode ser desconsiderada. Deste modo, partindo das narrativas que ouvimos, lemos e vimos e do mergulho na pesquisa, buscamos superar uma relação de distanciamento e de exterioridade entre o observador e o objeto pesquisado, tido como principal na perspectiva do referencial positivista, substituindo uma perspectiva do “olhar” por uma epistemologia da escuta (CANÁRIO, 2003, p. 14).

Além da potência formativa, compartilhar histórias é uma forma de tecer redes de solidariedade. De acordo com Santos (2007, p. 78), o conhecimento reconhecido como tal por sua dimensão de solidariedade é um “conhecimento-emancipação”, pois assume a responsabilidade coletiva pela tessitura da sociedade justa e democrática na decorrência de práticas sociais fundadas na ideia reconhecimento “do outro como legítimo outro” (MATURANA, 1999, p.24).

⁴<https://www.ibge.gov.br/>

Em diálogo com essas escrituras pudemos analisar a especificidade do tempo presente caracterizado pela regulação autoritária. A seguir, nos dedicaremos a ler as atualizações que a tecnologia do racismo tem apresentado na sociedade brasileira e a analisar as narrativas dos *praticantes pensantes* enquanto táticas frente a essa tecnologia.

3 RACISMO E DISCRIMINAÇÃO RACIAL ENQUANTO ESTRATÉGIA DE REGULAÇÃO AUTORITÁRIA NA SOCIEDADE BRASILEIRA

A segunda década do século XXI tem se apresentado enquanto momento de ebulição de debates e reflexões acerca do racismo e da discriminação racial. Cotidianamente, diversos setores da sociedade civil organizada vêm a público denunciar e cobrar que as autoridades punam a violência racial e façam cumprir os dispostos da atual Constituição que torna o racismo um crime imprescritível e inafiançável.

O incremento da internet e das redes de informação ampliaram a circulação de conhecimento, trazendo para o debate nacional, inclusive, acontecimentos que se dão em outros países e nos causam a sensação de que vivemos uma eclosão de episódios de racismo e discriminação racial. Simultaneamente, discutimos o caso da violência sofrida pela estudante Ndeye Fatou⁵, cujos colegas de turma dispararam ofensas racistas nas redes sociais; e o assassinato do menino João Pedro⁶, que se deu em sua casa, enquanto o menino jogava vídeo game com primos.

Estaríamos vivendo uma explosão de violência contra a população negra? Seriam os vinte primeiros anos do século XXI uma era de incremento da violência racial enquanto estratégias de manutenção da hegemonia? Somos categóricas em afirmar que não. A história do Brasil traz consigo a narrativa de uma identidade nacional marcada pela diferença entre grupos raciais e por uma visão de subalternização acerca da população negra.

Ainda na década de 1960, Florestan Fernandes (1965) denunciou que, desde a abolição da escravidão no país, a negra ocupa posições marginais na sociedade sustentando privilégios da elite branca. Miséria e marginalidade eram tidas como naturais e inatos à população afro-brasileira a despeito das ações dos movimentos negros que já se pronunciavam contra a discriminação racial. Na década seguinte, Hasenbalg (1979), como já descrevemos anteriormente, denunciou a produção do lugar social da população negra, bem como defendeu que racismo e discriminação racial não são apenas heranças de um passado marcado pelo trabalho da escravizada e sim, uma produção social que relegou a sujeitos aos estratos menos privilegiados da sociedade. Desta maneira, tal como citado na primeira parte do texto, o racismo estratégico postula seu lugar de poder, definindo e naturalizando seus inimigos, quem está à margem, quem deve ser combatido.

O racismo e a discriminação racial que presenciamos hoje certamente são diferentes do que foi vivenciado pelos contemporâneos de Fernandes (1965) e de Hasenbalg (1979). Contudo, verificamos que a disseminação de informações típica de nossa sociedade tem sido utilizada enquanto tática na luta contra as desigualdades raciais. O que antes ficava relegado à esfera do privado ou era simplesmente naturalizado, ganha corpo e eclode enquanto denúncia nacional. Assim como o racismo estratégico abarcou tecnologias para atualizar seu lugar de poder, as táticas cotidianas também foram atualizadas, sobretudo, quando os sujeitos ordinários passaram a publicizar suas narrativas singulares utilizando as mesmas ferramentas da tecnologia do racismo.

As narrativas da violência sofrida por Fatou e por João Pedro não puderam ser escondidas sob o tapete da conformação ou, uma pretensa e criminosa ideia de democracia racial. A percepção de que há pontos de intersecção entre essas narrativas e as de tantos brasileiros, fomentou o debate acerca das relações raciais nas escolas, na mídia, nas conversas cotidianas, nas universidades, conversas estas

⁵ O caso de violência citado refere-se à Ndeye Fatou Ndiaye, jovem negra de 15 anos, estudante de uma escola particular no Rio de Janeiro, que foi vítima de racismo em maio de 2020. Em mensagens trocadas por meio de um aplicativo, Ndeye Fatou foi xingada e humilhada por ser negra. A família registrou o caso na Polícia Civil.

⁶ João Pedro, menino negro de 14 anos, foi assassinado no dia 18 de maio de 2020 enquanto brincava com primos e amigos dentro de sua casa no município de São Gonçalo/RJ durante uma operação policial da Polícia Federal em conjunto com a Polícia Civil.

incrementadas por pesquisadores do tema e que promovem a circulação da informação. Tal debate se apresenta enquanto uma importante tática na luta contra o racismo e a discriminação racial. Como proposto por Oliveira (2006) “conhecimento equivocado acerca de hierarquias raciais devem ser combatido com conhecimento consistente”. Ao chamar atenção acerca da importância da produção e circulação de narrativas sobre racismo e discriminação racial, a autora aborda uma das chaves de leitura desse artigo: a compreensão destas estratégias pode instrumentalizar os *praticantespensantes* e potencializar o combate.

Desta forma, entendemos que a divulgação dos saberes acerca das relações raciais pode contribuir enquanto tática para que a sociedade se posicione frente à violência sofrida pela população negra, instrumentalizando os deserdados no enfrentamento da violência racial que se apresenta de forma cotidiana e constante. Podemos exemplificar tal instrumentalização lembrando a atitude da jovem Fatou que, diante das agressões sofridas, não se calou e denunciou publicamente o crime de racismo, enquanto cobrou que medidas de enfrentamento da agressão fossem tomadas, conforme divulgado pela mídia.

Salientamos que posicionar-se contra o racismo munidos por uma narrativa consistente sobre a questão, tal como fez a jovem Fatou e como pontuará um de nossos *praticantespensantes* na próxima seção de nosso texto, implica não só na mobilização de ideias, mas no enfrentamento do legado de violência a qual a população negra é exposta desde a infância. Victorino (2018) denuncia que o povo negro ainda carrega marcas psicológicas da escravidão a qual foi submetida. O processo de exclusão social afetou o psiquismo de todos: brancos permanecem afirmando sua superioridade, identificando o negro como sujeito que ocupa um espaço indevido. Silva (2007) nomeia esse fenômeno como branquitude. Por sua vez, como já citamos anteriormente, seduzidos pela ideia do branqueamento, o negro, muitas vezes adota o branco como modelo de conduta, beleza e cultura, conforme nos explica Santos (1983). Sobre isso, nos chama a atenção o processo que nomearemos como terceirização da narrativa, onde, em nome de um lugar social almejado, *praticantespensantes* assumem como próprio o discurso hegemônico do que se espera deles.

Branquitude e branqueamento revelam-se como estratégias de terceirização das narrativas que afetam a dimensão emocional da população negra, levando à naturalização do lugar social imposto pela sociedade, baixa autoestima e dificuldades para superar os entraves impostos pelo racismo. Nesse sentido, Victorino (2018) afirma que assumir-se negro é um ato de resistência na medida em que esses sujeitos sofrem constantes ataques psíquicos, tensão emocional permanente, angústia e ansiedade na medida em que estão inseridos num mundo branco.

Sendo assim, acreditamos que a mobilização de táticas por parte de nossos *praticantespensantes* é também um processo de enfrentamento das feridas causadas por experiências sociais em um país marcado pelo racismo e pela discriminação racial. Ao assumirem suas narrativas próprias, sobretudo no que tange à identidade racial e protagonizarem mudanças nas suas trajetórias e de suas famílias, esses *praticantespensantes* estão corroborando para a construção de novos arranjos sociais e psicológicos.

Da mesma forma, a circulação de saberes que problematizam a discriminação racial impõe aos brancos reflexão e quebra do silêncio, do pacto anteriormente exposto como salienta Victorino (2018). Ou seja, a população branca também é desafiada a rever suas narrativas, seus privilégios e sua responsabilidade no processo de produção e de reprodução das desigualdades raciais.

Sendo assim, ao dialogarmos com as narrativas de *praticantespensantes* nesse artigo, chamamos atenção para o fato de que se constituem enquanto atitudes que se insurgem contra estamentos e amarras postos historicamente ao longo da história do Brasil com um forte componente psíquico. Além de publicizar as táticas, reiteramos a necessidade de que racismo e discriminação racial sejam combatidos e que todo esforço de criação seja utilizado na produção de bem-estar para as pessoas, independente de pertencimento racial.

4 ENTRE ESTRATÉGIAS E TÁTICAS NOS CURRÍCULOS: narrativas praticadaspensadas

A escolha dos *praticantespensantes* deste artigo enquanto egressos que entraram na UFF no ano de 2004 foi feita porque nesse ano, pela primeira vez, a universidade acrescentou a categoria cor ou raça

no questionário que acompanhava o formulário de inscrição no vestibular, que era a forma de seleção e ingresso à Universidade na época. Nós, as autoras, também vivenciamos os concursos vestibulares quando a internet ainda não tinha a amplitude dos dias de hoje. O acréscimo da categoria raça, neste concurso, possibilitou a criação de um banco de dados com informações que, além viabilizar o contato com xs estudantes, revelava identidade, idade e gênero. De posse deste banco de dados, todxs xs ingressantes foram convidadxs a participar de um questionário online e posteriormente entrevistas.

Das 36 entrevistas produzidas, três foram selecionadas para compor este artigo. O critério para a escolha foi a autodeclaração enquanto negrx e a disponibilidade dxs *praticantespensantes* para compartilharem suas experiências. Ao longo das conversas dialogamos sujeitxs que vivenciaram processos socializatórios plurais. É na experiência em sociedade que os sujeitos se constituem, estabelecem relações e constroem suas identidades. Elementos que contribuem para a formação do que Lahire (2001) chamou de ator plural, ou seja, indivíduo que é produto da experiência em contextos sociais múltiplos e heterogêneos como a família, a igreja, escola, grupo de amigos, entre outro.

Assim, iniciamos o entrelaçamento de nossas vivências com as vivências de Lucas, Laura e Pedro, nomes que criamos para nossxs conversantes, cartografando suas vozes e buscando nelas a potência das táticas que pretendemos amplificar nesse texto. As conversas tecidas compuseram um repertório de 67 páginas transcritas, que lamentamos não poderem ser integralmente apresentadas neste artigo. Sabemos que escolher trechos destas narrativas fere o que aprendemos com Evaristo (2007) enquanto *escrevivência*. Contudo, as conversas nos levaram, tal como numa cartografia, a produzir um caminho inédito, formado durante a escuta sensível. Ao longo das narrativas, verificamos o cruzamento de informações referentes a essas identidades e que a identidade racial perpassa parte significativa dos relatos. Assim, optamos por elencar categorias de táticas que transbordam nas falas dos *praticantespensantes* e que também nos mobilizam ao revermos nossas trajetórias de vida.

A primeira categoria sobre a qual nos debruçaremos trata da escolha acadêmica e profissional como tática de empregabilidade. Nos sentimos instigadas a refletir acerca desta questão dialogando com os estudos de Bourdieu (2001) que comparam a escolha da carreira à investimentos econômicos, chamando atenção para o fato de que diante da compreensão das lacunas deixadas por uma formação deficiente, os atores tendem a investir em campos menos disputados.

Nesse sentido, Lucas nos apresenta sua trajetória e escolha acadêmica, anunciando sua tática insurgente:

quando era novo, eu frequentava muito biblioteca. Gostava muito, assim. Eu sempre li muito. Eu ia muito, muito mesmo, em biblioteca. Toda semana, eu estava nessas bibliotecas de bairro, essas coisas. Até a biblioteca da escola, quando estava aberta, eu ia. Então assim, eu não conhecia ainda, a profissão. Tive contato com bibliotecário, mas nem tinha essa noção de que “Ah, bibliotecário é uma profissão, tem faculdade”. Eu realmente fui conhecer a profissão, a faculdade, saber que existia esse tipo de curso, quando eu comecei a pesquisar sobre vestibular. Antigamente, né, eles tinham os livrinhos do candidato. Aí eu comecei a ler: Biblioteconomia, Documentação e falei: Nossa! Que legal! Poxa, tem alguém que estuda isso! Aí me identifiquei: Ah, vou tentar fazer vestibular.”. Fiz. E graças a Deus, passei!

Assim, tem aquelas coisas que todo mundo fala: Biblioteconomia? Ah, que é que isso? Isso faz o quê? As pessoas acharam estranho porque, assim, ninguém tinha ouvido falar do curso. As pessoas não sabiam da profissão, mas ninguém nunca me recriminou na minha família por fazer esse curso, quando eu escolhi que seria isso. O pessoal me apoiou: ah, legal! Vai, faz! Me incentivaram a fazer o vestibular. Quando eu passei, todo mundo comemorou, todo mundo ficou feliz. “Gente, meu Deus, meu filho numa universidade pública e federal.”. Porque assim, na minha família, antes de mim, ninguém nunca tinha feito...

O prestígio em geral, para quem faz Biblioteconomia é ser aprovado um dia num bom concurso público. Isso é o que as pessoas esperam, porque não é uma profissão tão valorizada quanto, por exemplo, a profissão de um médico, de um advogado ou de um

engenheiro. São carreira que vão gerar para esses profissionais um produto que também vai ser socialmente reconhecido, não é? Seja a criação de uma lei, a construção de um prédio, um projeto arquitetônico, um projeto urbanístico. Na nossa área, a gente não tem tanta visibilidade social. Como eu falei para você, as pessoas mal sabem que existe uma profissão chamada Biblioteconomia.

Eu lembro que quando eu fui aprovado para a UFF, no concurso público, os meus amigos passaram a me ver de uma forma diferente. Começaram a falar assim: Ih, olha lá, o Lucas, o “federal”. Então, tipo assim, socialmente você ganha uma visibilidade muito diferente. As pessoas te chamam mais para as festinhas, para as coisas. As pessoas te apreciam mais também.

Assim como Lucas, que optou por um curso com menor prestígio social, Laura em sua narrativa aborda sua opção pelo curso de Enfermagem que, segundo ela, era visto socialmente enquanto uma opção subalterna dxs que não foram competentes para ingressarem no curso de Medicina.

meus pais sempre me apoiaram em qualquer coisa. Se eu decidisse que ia limpar chão, eles iam me apoiar do mesmo jeito. Mas muitas pessoas não pensavam assim e fecharam a cara. Achavam que eu tinha que fazer Medicina. Falavam assim: “Ah, não! Mas depois você vai fazer Medicina, né?”. Eu falava: Não! Não vou! Vou fazer Enfermagem, para ser enfermeira e acabou! A Enfermagem tem muito esse estigma. “Ah, é só você estudar mais um pouquinho que você vai ser médica” ... Não! Eu fiz uma graduação para ser enfermeira. Cinco longos anos e difíceis.

A Enfermagem, por mais que a gente tenha muitas matérias parecidas com a Medicina, ela se volta para um lado totalmente diferente da Medicina. Por mais que elas sejam parecidas, elas se diferenciam, até que chega um ponto em que elas andam para lados totalmente diferentes. A Medicina, ela está focada na cura. A Enfermagem, não. A gente entende que chega um momento que você não tem mais cura. É nesse momento que a gente se volta para o cuidado.

Tal como Laura, a escolha de Pedro também se deu por um curso pouco valorizado socialmente. Sua opção pelo curso de Matemática, porém, o permitiu realizar um concurso público e, estável em seu trabalho, pode fazer novamente o processo seletivo vestibular, desta vez para o curso de Economia.

Na luta por ter emprego, acabei trabalhando como operador de computador numa antiga rede de supermercado que se chamava Três Poderes, e que depois foi comprada pela rede Sendas. Ali, eu comecei a encontrar pessoas da minha idade que já estavam fazendo faculdade, principalmente de Informática ou de Matemática. Então, eu falei: se eles podem, eu também posso! E aí que eu fui pensar em fazer o vestibular.

Decidi fazer o curso numa universidade pública e comecei a estudar. Fiquei dois anos fazendo curso pré-vestibular para conseguir passar para Matemática na UFF. Depois de um ano e meio de curso, percebi que aquilo não fazia muito sentido para mim. Nesse meio tempo, passei no concurso para o Banco do Brasil. Aí, fui trabalhar no Banco do Brasil, em Rio das Ostras. Depois de três meses, eu voltei para Maricá, por causa da faculdade. Mas o curso de Matemática não fazia mais sentido. Daí, eu abandonei o curso de Matemática e fiz novamente o vestibular.

Destacamos nessas falas a problematização de que, apesar do “desprestígio” atribuído pelas lentes de uma sociedade que hierarquiza carreiras, o acesso da população negra ao ensino superior, num período em que ainda não existiam políticas de ação afirmativa na UFF, era raro. Desta forma, a presença dxs *praticantespensantes* nos cursos mencionados é bastante significativa enquanto tática numa universidade que tinha o vestibular uma maneira indireta de seleção racial contribuindo para a construção de um perfil universitário majoritariamente branco.

A segunda categoria que observamos trata do acesso a ferramentas e a tessitura de redes de apoio como tática de superação das desvantagens sociais e econômicas produzidas pelo racismo estrutural. Consideramos que essa categoria de táticas é inspirada no valor civilizatório africano cooperativismo/comunitarismo, que destaca a força da coletividade nas relações que se estabelecem e nos achados de Conceição (2018) que em sua análise sobre a trajetória de jovens universitários, constatou que as redes de apoio foram fundamentais no processo de superação das dificuldades encontradas pelo

sujeitos que se fortalecem a partir de um respaldo da comunidade.

Sobre isso, Lucas compartilhou suas experiências da vida escolar, demarcando o quão desiguais e tortuosas são as vias trilhadas por crianças e jovens negrxs, vias estas desconsideradas pelo discurso meritocrático que explicam o lugar alcançado por elxs enquanto fruto de um esforço comum.

Eu sempre fui um aluno super, ultra, mega dedicado, esforçado. Sempre gostei de estudar. Então, a escola onde eu estudei, ela faz parte de um convenio com o CEFET que funciona da seguinte forma: todos os alunos que vão para esse colégio estadual, no qual eu estudei, eles são selecionados de escolas públicas de todo o estado do Rio de Janeiro. E como que isso é feito? As escolas selecionam seus melhores alunos de acordo com o histórico escolar. Os históricos escolares dos melhores alunos dessas escolas vão para as secretarias regionais de educação. As secretarias regionais selecionam os seus melhores alunos e mandam para a escola onde eu estudei. E aí, a escola faz de acordo com o número de vagas, uma convocação para os melhores alunos daqueles melhores que já foram selecionados.

Eu sempre gostei muito de arte e eu tinha uma professora de arte, que eu era apaixonado por ela, que a gente conversava muito. Ninguém gostava de arte na minha escola. Eu acho que era um dos únicos alunos que gostava. Então, ela passava trabalhos especificamente só para mim: de arte, de análise de obra arte. Coisas mais ou menos assim: “Ah, faz uma análise dessa obra de arte, escreve um texto”. Eu escrevia textos de duas, três, quatro, cinco páginas, analisando uma obra de arte. Isso aconteceu quando eu estava na 8ª série. A professora reconhecia em mim, um potencial, que provavelmente ela não reconhecia nos outros. Ela podia deixar para lá, mas não...

Tinha um outro colega que era da mesma cor que eu, mas que era desinteressado, aquela coisa toda. Eu sentia que havia um preconceito racial com esse colega. Eu não acho que a cor justifique uma pessoa ser mais interessada ou mais inteligente, mais esperta do que a outra. Mas acho que muitas vezes, quando você está, por exemplo, dentro de uma realidade que nem essa que eu estava, os professores muitas vezes associavam: “Ah, é burro porque é preto!” “Ah, não se interessa porque é preto!” “Aí, além de ser preto é favelado...” “Vem lá do morro tal ou do morro tal, né?” Então assim, é uma coisa triste, né? O professor às vezes também falava, via o histórico dessas pessoas: “Ah, vem todo mundo lá do morro do Amor, do morro do Urubu”. Aí, falou assim: “É, tinha que ser, um bando de preto, favelado e que nasceu para ser bandido”. Então tinha-se muito essa conversa. Não só esse preconceito por parte dos professores, mas dos próprios alunos que às vezes falavam assim: “Ah, um bando de preto favelado, do morro”. Era feio, né?

Eu sempre estudei sozinho. Estudando sozinho, pegava os livros, lia os livros de cabo a rabo, resumia, pegava prova de concurso... e eu sempre tive uma visão muito legal de como estudar, de como me organizar mentalmente para absorver bem as coisas e as coisas que realmente são importantes. Então, num ano comecei a estudar e estudei a sério. Passei para três concursos. Acabei optando pelo da UFF que era o melhor.

No meu trabalho, eu sou o que mais faz treinamento. Sou o que mais vai à evento. Sou o que mais faz cursos. Sempre sou eu o que sou mais. Eu realmente procuro me atualizar muito. Estou quase concluindo também uma segunda graduação.

A ideia de que a condição para alcançar um lugar socialmente valorizado passa pela inscrição num sobre-esforço pessoal, em especial nos bancos escolares, também se faz presente na narrativa de Laura. Laura contribui também informando acerca do estímulo da família, que via no envolvimento da estudante com a escola a oportunidade de ascensão social.

Meus pais sempre me incentivaram, sempre cobraram, sempre exigiram. Na verdade, estudar e ter boas notas era uma obrigação. E a minha família é uma família de professores; é uma família de pessoas muito humildes, que batalharam muito para ter o que tem hoje. Então, eu tive todo um incentivo da família, também. Não só dos meus pais, que foram primordiais na minha vida, mas também meus tios, minhas tias, sempre

me incentivando, sempre me perguntando como é que eu ia na escola. Esse incentivo sempre foi fundamental para a minha formação.

Olha, quando éramos mais novos, a gente sempre saía muito para o cinema. Meus pais sempre levavam a gente para o cinema. E priorizavam os filmes legendados, para estimular a leitura.

Diferente de Laura, Pedro nos apresenta em sua trajetória o pouco estímulo da família, a qual desconhecia algumas ferramentas, mas destaca a percepção desde muito jovem de que o processo pelo qual teria que passar para alcançar um lugar social valorizado era bastante desigual para a população negra.

Uma história curiosa: na escola, pelo menos até a 8ª série, eu sempre fui o primeiro aluno da turma. Eu sempre me achei muito inteligente, porque sempre me comparava com os outros colegas. Até que eu ingressei no ensino médio técnico em Contabilidade. Eu queria arranjar um emprego logo, para ter uma condição um pouco melhor. Minha família é bastante humilde. Quando eu fui fazer o vestibular, eu percebi que não era tão inteligente assim, porque eu não passei em nenhum. Percebi que havia uma diferença enorme entre as pessoas que passavam no vestibular e eu. Nas escolas onde eu estudava, embora eu fosse o melhor da turma, o ensino era muito fraco.

É assim, eu não tive nenhum incentivo. Da minha família, eu sou o único que fez a universidade. E mais, uma universidade federal e ainda dois MBAs! Agora, estou fazendo o mestrado. Sou o que os economistas chamam *out line* total. Eu sou totalmente fora da curva!

“Ah, fazer faculdade? Tem médico vendendo mariola. Não vale a pena.”. Eu nunca levei isso muito a sério, mas também eu não via entre amigos ou entre pessoas próximas, pessoas que estivessem fazendo faculdade. Eu não tinha em quem me espelhar. Desde que eu comecei a ver gibi, porque eu via desenhos e via palavras que eu não sabia o que é que era, eu quis saber o que era aquilo. Quando aprendi a ler, eu comecei a ler muito gibi e depois comecei a ler muito livro. Daí, eu comecei a ter referências que não havia perto de mim: do cara que se formou em não sei o quê, do cara que virou bilionário... Aí, eu comecei a buscar mais, como é que esses caras fizeram. Mas foi um processo lento. Eu terminei o ensino médio, comecei a trabalhar em contabilidade, trabalhar em várias coisas.

então, eu vejo a minha trajetória como uma trajetória de sucesso. Uma trajetória que poderia ser de mais sucesso, se eu tivesse uma educação melhor, lá no início. Eu fiquei quase três anos para passar no vestibular. E assim, eu fiquei um tempo, depois de me formar no ensino técnico, para pensar em fazer vestibular, para depois começar a fazer o pré-vestibular, para depois fazer e passar para a faculdade. Eu estudava com colegas que tinham dez anos a menos e que nunca fizeram esse sacrifício, que terminaram o ensino médio, passaram no vestibular que eu passei e que nunca foram os melhores da sala. Só que eles sendo os medianos da sala e eu sendo melhor da minha, eles pareciam muito mais preparados do que eu. Isso porque a minha comparação, era muito baixa. Eu poderia estar mais longe hoje, se as oportunidades que tivessem me dado fossem melhores. Mas com o que me deram, eu tentei fazer o meu máximo e continuo tentando até hoje.

Ao conversar com *xs praticantes pensantes* acerca da escolha da carreira, enredamos as narrativas delas às nossas, narrativas de mulheres pretas que ingressaram nas universidades públicas em uma época ainda sem ações afirmativas disponíveis, cujas escolhas pelas carreiras também atravessaram uma “peneira racista” que frequentemente era camuflada pelo discurso meritocrático. Optamos, durante o ingresso no ensino superior, por cursos com relação candidato/vaga menor, de certa forma conscientes dos lugares sociais que nos eram permitidos nas universidades. Ainda assim, podemos ambas afirmar que em nossas turmas a presença de pessoas negras era pequena.

Nesse sentido, retomamos as ideias de Bourdieu (2001), quando o autor destaca que os atores têm consciência dos condicionantes que envolvem a escolha de uma carreira. A herança de desvantagens acumuladas pela população negra ao longo da história podem concorrer para uma disputa desigual, maximizando o peso da percepção acerca das possibilidades de sucesso e desviando o olhar das carreiras

mais concorridas para aquelas menos procuradas pelos candidatos.

A terceira categoria que elencamos durante nossas conversas foi a desnaturalização de práticas racistas e a identificação do racismo e do preconceito como tática. A compreensão de que o racismo não é natural e que, portanto, a lógica de inferioridade dada socialmente precisa ser constantemente combatida é apresentada ao longo das narrativas. Aqui, xs praticantes pensantes compartilham conosco como essa desnaturalização e, por consequência, a vigilância cotidiana no combate às práticas racistas se inscreve processualmente em suas trajetórias.

Lucas nos relata situações em que reconhece os desdobramentos do racismo e da discriminação racial em seu cotidiano.

hoje em dia o preconceito racial é o que me afeta mais, assim. Eu realmente me incomodo muito com esse tipo de preconceito. Essa questão de gênero me incomoda, mas me incomoda menos. Mas ver determinadas questões de preconceito racial, não sei... acho que são coisas que no Brasil deviam estar superadas, a questão racial no Brasil já é uma coisa muito antiga. Eu vejo assim muita coisa velada. As pessoas não falam, não dizem que se incomodam, nem nada. Por exemplo, às vezes eu vou numa loja, eu vou arrumadinho, vou direitinho, bonitinho, porque eu gosto de andar bonitinho. Mas sabe, tem dia que você está de qualquer jeito. Eu vejo assim: tem um milhão de pessoas na loja, mas eu sou aquele negro que o segurança vai ficar perseguindo a loja inteira. Às vezes você está até bem vestido, mas porque você é negro a pessoa fica te perseguindo, fica te olhando. Eu antigamente ficava envergonhado, ficava constrangido com esse tipo de situação. Às vezes, eu saía da loja. Hoje em dia, se um segurança faz isso comigo em qualquer loja que seja, eu paro na frente dele e fico olhando ou começo a seguir ele também para constranger. Hoje em dia eu faço esse tipo de coisa. Preconceito racial me incomoda muito.

Uma vez eu fui no shopping, entrei numa loja, uma loja simples e pedi para ver uma bolsa. Aí tinha um espelho grande e eu estava olhando... Eu estava me olhando no espelho, como é que eu estava com a bolsa. Aí, tinha uma vendedora atrás de mim. Ela me olhou de cima para baixo com uma cara meio de nojo. Só que ela não deve ter percebido que eu estava vendo o reflexo dela no espelho. Eu fiquei tão chocado, me senti tão mal com aquilo, mas tão mal... Nessa época eu não era uma pessoa tão combativa com essas coisas. Então, eu simplesmente devolvi e saí. Saí mal e constrangido, mas hoje em dia, esse tipo de coisa eu não deixo.

Eu tenho colega meu que sofreu racismo em sala de aula. Que foi uma coisa que na época chocou a todo mundo. Eu sou negro, mas ele é aquele negro, negro mesmo. Ele é muito escuro. Aí, eu não lembro muito bem qual foi a situação, mas ele falou alguma coisa, fez alguma pergunta em sala de aula. A professora simplesmente virou para ele e chamou ele negro burro na frente de todo mundo. A turma... ficou todo mundo chocado, sabe? "Gente, a professora chamou o fulano...". Sabe quando as pessoas ficam assim, sem saber o que está acontecendo?

uma situação extremamente grave foi que uma aluna foi lá na biblioteca. Ela estava com o livro atrasado. Essa menina era policial. Ela estava com uma multa e eu não quis tirar a multa, porque ela estava errada. Ela ameaçou me matar com uma arma. Depois ela foi na ouvidoria e protocolou uma reclamação. Ela simplesmente, espalhou essa reclamação, falando para todo mundo. Tinha pessoas, outros estudantes, que estavam lá e que testemunharam o ocorrido e que depois até falaram: "realmente, não foi nada disso que aconteceu. Não foi assim".

A trajetória de Laura confirma que a percepção do racismo também foi processual e que hoje, ela faz uso do conhecimento sobre isso para problematizando práticas racistas no campo da Enfermagem:

no ensino médio foi um pouco mais complicado porque você ainda está começando a compreender a discriminação racial. Eu tive alguns problemas com alguns colegas em relação a isso. Discriminação racial, discriminação em relação à representação visual também, porque eu sempre tive um pouco mais de peso. Então, sempre fui motivo de

discriminação. Eu fui ter uma percepção maior sobre isso na graduação. Hoje, já adulta, eu compreendo melhor algumas coisas que a gente vivenciava. Naquela época não.

, Mas sim, tinha preconceito por parte dos professores. Sempre observava que tinha, por exemplo, uma monitoria. E sempre são aqueles alunos X que são convidados, que têm um determinado perfil e que nunca eram os negros. Daí tinha curso de extensão e eu nunca era incluída. Então, eu percebia isso como discriminação. Nessa época, eu já conseguia compreender isso.

Isso era no cotidiano. Eu passei, inclusive, por um momento, que eu levei na brincadeira. Eu estava com uma amiga e a gente tinha essa autoafirmação de: “Eu sou negra”. A gente estava numa fila do mercado e, durante uma conversa nossa, a gente falou: “não, ele só está fazendo disso porque eu sou negra”. Daí, uma pessoa que estava na fila, achou que a gente realmente estava ofendida por ser negra e falou assim: “não, vocês não são negras, não! Vocês são clarinhas!”. Depois a gente riu daquilo, né? A gente falou: “Não, moça. Nós somos negras e a gente não vê problema nenhum nisso”. A gente observava que as pessoas tinham esse cuidado de não falar que: “você é negra”. Como se o “ser negra” fosse ofender. Então, dizem: “você é moreninha!”. Não! Eu não sou moreninha! Eu sou negra!

Hoje eu avalio que na minha formação em Enfermagem se dava pouco enfoque para a questão racial. Há questões sobre as doenças, como hipertensão, anemia falciforme. Eu fui ter uma visão um pouco maior da hipertensão nas mulheres negras num curso que eu fiz agora, ligado ao trabalho, sobre o pré-natal. Porque em geral as mulheres negras são altamente discriminadas. E ainda tem a questão de que elas são mais propensas à hipertensão. Logo existem as complicações que vêm junto com a hipertensão numa mulher grávida, por exemplo. Isso tudo se liga, inclusive o fato de injetarem menos anestesia nessas mulheres, de deixarem mais tempo no trabalho de parto de deixarem mais tempo para serem atendidas... Infelizmente ainda existe muito isso.

A desnaturalização de práticas racistas e a identificação do racismo e do preconceito se inscrevem como táticas de referencialidade para as lutas atuais contra processos regulatórios. Sobre isso, recorreremos às análises de Oliveira (2006) ao destacar o potencial do conhecimento enquanto arma dos sujeitos na luta contra o racismo e a discriminação, na medida em que tensiona o lugar social dos sujeitos na sociedade e a normalidade branca, proposta pelo conceito de branquitude (SILVA, 2007).

5 UM CONVITE À CONVERSA: as narrativas enquanto táticas de reflexão

As narrativas que compõem este texto foram reveladoras e instigantes. Nos descobrimos nos relatos e tecemos juntos com *xs praticantespensantes* as nossas histórias. Axs nossxs interlocutores dedicamos os mais sinceros agradecimentos pelas conversas que retratam momentos singulares de suas vidas, mas que ao mesmo tempo, expressam também as dificuldades atravessadas por tantxs negrxs no país. Podemos dizer, portanto, que essas e muitas outras narrativas abarcam a memória coletiva da luta cotidiana e os modos plurais para enfrentá-las. São, desta forma, formativas, pois ao encontrá-las, com elas conversamos, desnaturalizando fatos passados e refletindo questões do presente.

Reiteramos que nossas leituras das narrativas partem do conceito de *escrevivência* de Evaristo (2007) e que as vozes *dxs praticantespensantes* de nossa pesquisa se entrelaçam nos textos e reflexões. As experiências de Laura, Pedro e Lucas também retratam as memórias das autoras, mulheres pretas que há anos tecem análises sobre as peculiaridades *dxs afrobrasileirxs* a partir de suas vivências e estudos, enquanto experimentam o cotidiano da sociedade brasileira. São vozes que evocam o “nós” compartilhado pela população negra no Brasil que desde a diáspora africana⁷ clama por igualdade.

As diferentes mensagens comunicadas pelxs *praticantespensantes* da pesquisa permitem que os mesmos experimentem o racismo e a discriminação racial de diferentes formas, nos diversos contextos sociais dos quais fizeram parte: desde a infância, junto à família, até a entrada na universidade.

⁷ Segundo o site geledés.com.br Diáspora Africana, também conhecida também chamada de **Diáspora Negra** — é o nome que se dá ao fenômeno sociocultural e histórico que ocorreu em países além do continente **africano** devido à imigração forçada, por fins escravagistas mercantis que penduraram da Idade Moderna ao final do século XIX.

Contextos que além de forjar a identidade dos sujeitos, possibilitam a reprodução do “capital cultural”⁸, conforme proposto por Bourdieu (2001); capital este que se mostra preponderante na ação do indivíduo na sociedade. Destacamos que, enquanto parte das classes menos favorecidas, tal como podemos atentar a partir da última PNAD em 2019 (Pesquisa Nacional de Amostras em Domicílio), a maior parte da população negra herda um capital cultural que muitas vezes não é reconhecido e incorporado pela universidade, o que demanda desses sujeitos à apropriação do capital cultural validado pelas classes dominantes para acessar e transitar por este espaço.

O capital cultural herdado de familiares pode incorporar a experiência com a formação e o conhecimento acerca das carreiras, a disponibilidade de tempo para dedicação aos estudos, assim como todo um legado de saberes que podem facilitar o acesso desses sujeitos ao nível superior e impacta diretamente na primeira categoria de análise deste artigo: *a escolha acadêmica e profissional como tática de empregabilidade*.

As narrativas dxs três *praticantespensantes* têm em comum o fato de serem xs primeirxs de suas famílias a ingressarem no curso superior. Este dado se repete entre estudantes negrxs, conforme Conceição (2018) pode constatar em sua pesquisa de doutorado. Trata-se de um pioneirismo que pode conferir à experiência universitária maiores dificuldades, na medida em que, muitas vezes, não é reconhecida pelxs entes mais próximos como uma trajetória indispensável, pois não há modelos entre xs familiares e conhecimento acumulado que possibilite a superação das dificuldades que podem ser encontradas ao longo do caminho.

Conversando com essas narrativas, percebemos que o capital cultural herdado também pode influenciar na escolha do curso universitário. Na maior parte dos casos, essa escolha se dá a partir dos contatos e daquilo que xs estudantes conhecem. É comum que esse conhecimento acerca das carreiras disponíveis parta dxs professores da escola pública, como pudemos perceber nas falas de Lucas. Inclusive, muitxs são inspirados pelos mestres a seguir o magistério.

Pedro, por sua vez, escolhe a licenciatura em Matemática a partir das conversas com xs colegas de trabalho. Nas suas narrativas, percebemos que xs colegas apresentaram-se enquanto modelos positivos: “*se eles podem, eu posso*”. Laura destacou o incentivo da família que congregava esforços para que os filhos investissem em educação. Professores, amigos e familiares podem constituir o que Conceição (2018) chamou de “redes de apoio”. Essas redes constituem-se como estruturas fundamentais no processo de ascensão social e econômica da população negra, possibilitando que os sujeitos mobilizem esforços para superar dificuldades acessar níveis mais altos de escolaridade.

Consideramos que a escolha do curso também pode constituir-se enquanto tática para potencializar o acesso ao ensino superior. Como discutimos anteriormente, cientes das lacunas deixadas pela formação durante a Educação Básica, muitos estudantes investem em cursos de menor procura. Bourdieu (2001) ressalta que os ramos de ensino e as carreiras de maior risco, portanto, normalmente, as de maior prestígio, têm sempre uma espécie de par menos glorioso, o que nos remete à narrativa de Laura que ao descrever sua escolha pelo curso de Enfermagem, faz diversas referências ao curso de Medicina, reafirmando seu interesse pela primeira e se tratar de uma escolha consciente.

Por fim, conforme proposto por Oliveira (2006), assim como as diretrizes curriculares para a educação étnico-racial, o conhecimento das peculiaridades das relações raciais no Brasil apresenta-se enquanto elemento fundamental na luta dos brasileiros contra essas mazelas, porque revela a forma como tais conhecimentos são concebidos, desnaturalizando a hierarquia entre os grupos raciais e instrumentalizando os sujeitos no processo de superação do racismo. Nesse ponto, novamente destacamos as narrativas enquanto táticas necessárias a essa luta. Constituem-se enquanto ferramentas que aparecem de forma contundente nos relatos de Lucas, Pedro e Laura.

⁸Segundo Bourdieu o rendimento dos alunos é diretamente proporcional ao capital cultural previamente investido pela família, que por sua vez é “outorgado” pelo certificado escolar conferindo ao capital possuído por determinado agente um reconhecimento institucional.

As narrativas dos *praticantespensantes* neste artigo se enredam com nossas histórias e desvelam estratégias e táticas relativas ao acesso da juventude negra ao ensino superior. Tal acesso implica na superação de condicionantes sociais e econômicos, e de escolhas, que muitas vezes são balizadas pelo racismo estrutural e estruturante que está presente em todos os setores da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As narrativas apresentadas nos convidam enquanto autoras a nos inscrevermos no debate que conduziu o artigo. Desde as reflexões sobre as experiências na periferia até a inserção numa carreira, surgiram problematizações que nos levaram, tal como os *praticantespensantes* dessa pesquisa, a tecer táticas para a superação das desigualdades que se apresentavam no cotidiano. Somos mulheres pretas, que a partir do exercício do magistério em escolas públicas no subúrbio do Rio de Janeiro, adentraram no debate acerca da educação antirracista, debate que perpassava a vida de alunos e suas próprias histórias.

Tornamo-nos intelectuais que partimos da periferia e percebemos na luta contra as desigualdades raciais um caminho para a construção de uma sociedade mais justa, um mundo capaz de congrega e valorizar a diferença. Nessa jornada, optamos pela busca por possibilidades que descortinam a capacidade criativa dos sujeitos, não para naturalizar as barreiras, mas para reafirmar que, sem os entraves propostos pelo racismo e a discriminação racial, a vida poderia ser experimentada de forma plena por todos. Da mesma forma, entendemos que o debate se amplia ao leitor que ao ler o outro, lê também a si próprio.

Sobre isso, destacamos que não desejamos diminuir as nossas conquistas, nem as das *praticantespensantes* de nossa pesquisa. Entendemos que tais ações precisam ser valorizadas pela sociedade, contudo, a excepcionalidade dos casos é indicativa das dificuldades pelas quais a população precisa atravessar para a conquista de lugar socialmente valorizado. Conforme proposto por Almeida (2019), o sucesso individual não pode ser o índice para afirmar o quanto uma sociedade é mais ou menos justa. O autor segue informando que a sobrevalorização da excepcionalidade serve tão somente para legitimar a desigualdade. Ou seja, concluímos que o esforço e a criatividade dos sujeitos foi consequência da trajetória em uma sociedade que impõe à população negra maiores dificuldades para acessar os níveis mais altos de educação e obter retornos sociais e econômicos,

Durante a escuta das narrativas e retomando a concepção de “escrevivência” (Evaristo, 2007) percebemos a potência daqueles que, apesar das dificuldades, não desistiram da luta. Concordando com Milton Santos, conforme a análise de Silva (2009), em situações extremas, pessoas comuns podem tornar-se intelectuais. Acreditamos que o racismo virulento e excludente gera uma situação extrema que leva todos os atores envolvidos nesse trabalho a investir em conhecimento capaz de promover a transformação social. São, portanto, intelectuais que, numa voz coletiva, clamam pela transformação não apenas de suas realidades, mas pela superação das desvantagens sociais e econômicas que marcam a história da população negra do Brasil. O posicionamento dos sujeitos envolvidos nesta análise mostra-se enquanto ponto chave para a superação das desigualdades elencadas e corroboram para o investimento em uma educação antirracista para todos.

Concluímos essa escrita destacando a proposição de que quando escrevemos, nos inscrevemos. Nesse sentido, para além da ideia de que nos prestamos a fortalecer um ponto de vista, persistimos na compreensão de que o enredamento dessas táticas narradas às nossas vivências e reflexões se constitui enquanto ato de insurgência em tempos de regulação autoritária. Sobre isso, Evaristo (2009) explica que ao escrever, ao inventar, ao criar sua ficção, ela não se desvencilha de um “corpo-mulher-negra em vivência” e que, por ser esse “meu corpo, e não outro”, viveu-se e se vive experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio de. *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte (MG): Letramento, 2019.

ALVES, N. Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. In: ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa de (Org.) *Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas: sobre redes de saberes*. Petrópolis: DP et alii, 2008.

- BOURDIEU, Pierre. *Escritos da Educação*. Org.: NOGUEIRA, Maria Alice e CATANI, Afrânio. Editora: Vozes, Ed. 9, 2001.
- CANÁRIO, R. A aprendizagem ao longo da vida. Análise crítica de um conceito e de uma política. In: R. Canário (Org.). *Formação e situações de trabalho*. Porto: Porto, 2003.
- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- CONCEIÇÃO. Deise Guilhermina da. *Trajetória de Estudantes Negros que ingressaram na UFF em 2004* / Deise Guilhermina da Conceição; Iolanda de Oliveira, orientadora. Niterói, 2018. 198 f.
- D'ADESKY, J. *Pluralismo étnico e multi-culturalismo: racismo e anti-racismos no Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.
- DETIENNE, M. & VERNANT, J. P. *Métis: As astúcias da inteligência*. São Paulo: Odysseus Editora, 2008.
- EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: Alexandre, Marcos A. (org.) *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza Edições, p. 16-21, 2007.
- EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *Revista Scripta*, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009.
- FERNANDES, Florestan. *A integração do Negro na sociedade de classes*. Dominus Editora: São Paulo, 1965.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Cia. das letras, 1989.
- GOMES, Joaquim B. Barbosa. *Ação afirmativa e princípio constitucional da igualdade: o Direito como instrumento de transformação social. A experiência dos EUA*. Rio de Janeiro: Renovar, 2001.
- HASENBALG, Carlos. *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- IBGE. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2009*. www.ibge.gov.br
- LAHIRE, Bernard. *Homem plural: os determinantes da ação*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- MATURANA, H. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Currículos e pesquisas com os cotidianos: o caráter emancipatório dos currículos 'pensados/praticados' pelos 'praticantes/pensantes' dos cotidianos das escolas. In: Carlos Eduardo Ferraço e Janete Magalhães Carvalho (orgs.). *Currículos, pesquisas, conhecimentos e produção de subjetividades*. Petrópolis: DP et Alli, 2012.
- OLIVEIRA, Iolanda (org.). *Cor e Magistério*. Rio de Janeiro: Eduff, 2006.
- _____. *Negritude e Universidade: evidenciando questões relacionadas ao ingresso e projetos curriculares*. Niterói: Alternativa, 2015.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- SILVA, A. C. Branqueamento e branquitude: conceitos básicos na formação da alteridade. In: NASCIMENTO, A. D.; HRTKOWSKI, T. (Orgs.). *Memória e formação de professores*. Salvador: EDUFBA, 2007.
- Silva, Renata Lopes. *Milton Santos: pensamento global e educação*/ Renata Lopes da Silva; Maria Isabel Moura Nascimento, orientadora. Ponta Grossa, 2009. 130 f.
- SKIDMORE, Thomas E. *Preto no Branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

VICTORINO, Carolina Santos. *Racismo institucional: o ingresso de negros e negras no universo acadêmico e o impacto em sua saúde mental* / Carolina Santos Victorino; Wanderson Fernandes de Souza, orientador. Seropédica, 2018. 67 f.

Recebido em: 15/07/2020
Aceito em: 23/09/2020
Publicado em: 09/11/2020